

Para uma ética das políticas de inclusão: dimensão biográfica, criatividade e educação.

O que distingue o desenvolvimento e o atraso é a cultura, a qualidade e a exigência – numa palavra, a capacidade de aprender. Deixou de fazer sentido a oposição entre políticas públicas centradas no Património histórico, por contraponto à criação contemporânea.

Guilherme d' Oliveira Martins

É justamente no reconhecimento do papel da criação cultural em ligação estreita com a educação e a formação, com a investigação e a ciência que se encontra a complementaridade óbvia e necessária para que a cultura tenha um papel fundamental na dimensão política e económica hoje.

Património material e imaterial assumiram-se finalmente como complementares, na convivência que sempre partilharam entre herança e criação. É nesta perspectiva, que devemos olhar para a pertinência do trabalho desenvolvido nas Oficinas Criativas na sede do Grupo Folclórico Regional e Agrícola de Pevidém, **Esboços e desenhos de bordados regionais** e do Grupo Folclórico da Corredoura, **Bordados Aplicados à Decoração de Vestuário**.

Tendo como primeira preocupação trabalhar a criatividade, promovendo uma perspectiva fundamentada na importância da dimensão biográfica na constituição do discurso, portanto na importância política da biografia, estes cursos, dedicaram-se à recriação de motivos e modelos assumidos como caracterizadores das tipologias dos bordados tradicionais portugueses, ensaiando a possibilidade da Educação se tornar definitivamente uma reconstrução da experiência *como uma ética essencial das políticas de inclusão*¹.

Nesse sentido, a dimensão ética e estética foram tratadas a partir da ideia de *cosmopolitismo vernáculo*, um instrumento *novo que decorre da experiência global das minorias nacionais e da diáspora, que é o instrumento eficaz de integração, por ser aberto a todos na base de “direito à diferença em igualdade” e assim responder de forma eficaz à hegemonia da globalização*².

Definidos os pressupostos do projecto que agora se apresenta, a arte e a formação (educação) adquirem um papel fundamental de intervenção social através de práticas transversais de mediação e de intercâmbio social. Ao envolver o outro na sua experiência, a arte, como justamente aconteceu no desenrolar da produção dos trabalhos das oficinas em causa, ensaiou um processo gerador de metodologias artísticas relevantes, contribuindo para a descoberta de si próprio, do outro e do meio mais próximo ou distante que nos acompanha.

¹ A que alude Homi K. Bhabha (Ribeiro Apud Bhabha; 2007: 12).

² Idem

Por esse facto, enunciamos a contribuição deste projecto como multidisciplinar, cujo produto final são os objectos e desenhos, que agora se expõem, fruto de um processo de descoberta em parceria, entre o que cada um já conhece, e lhe é mais ou menos consciente e aquilo que se aprende pela novidade com outra informação, ou ainda, o que já se sabia e se consciencializa em confronto com um modo diferente, nunca antes percebido, de receber essa informação.

Em ambos os cursos e com base na anterior ideia, foi solicitado às formandas, que a partir de um desenho de um motivo de um determinado bordado tradicional português, conseguissem criar um novo motivo.

Assim, a primeira aproximação foi de escolha aleatória ou afectiva, uma vez que cada uma das formandas, elegeu um motivo ou um conjunto de motivos para analisar, desmontar e refazer segundo uma nova ordem, seguindo um programa imposto.

Esta aproximação, pretendeu também desresponsabilizar o acto do desenho, o medo do vazio do suporte, o papel, familiarizar a mão com a ferramenta de registo, o lápis, trocando o papel pelo pano e o lápis pela agulha, aproximando do processo de projecto, que pressupõe ir mais além do acto de executar, aquele que era mais familiar, ainda assim, a algumas destas pessoas.

O passo seguinte, promoveu o atrevimento de ser capaz de actuar como individuo no que de mais íntimo o pode definir, criar algo que seja único, um *novo motivo*, que embora tenha partido de um outro já experimentado, se assume como autónomo, tomando assim consciência de si próprio, do seu carácter, que se espelha no trabalho obtido, do seu lugar no mundo e de que o que fazemos, depende do contexto em que nos encontramos, isto é, das escolhas e recusas do que se nos oferece em determinado momento desse contexto e da forma como somos capazes de responder a um programa.

Estavam assim iniciadas as condições para ser capaz de desenvolver um projecto de desenho, passível de poder responder a uma obra real.

Na essência, os dois módulos solicitam o mesmo exercício, nos objectivos finais, determinaram processos, em parte distintos como passaremos a apresentar.

O trabalho do curso de **Bordados Aplicados à Decoração de Vestuário**, desenvolve-se a partir da criação de um novo motivo de desenho num módulo quadrado, posteriormente aplicado ao bordado. O conjunto destes quadrados, todos da mesma dimensão, deu origem a uma peça colectiva, um xaile, fazendo uso dos elementos que serviram de exercício de aprendizagem do bordado e de aproximação ao projecto. Num segundo momento, o desenvolvimento dos motivos criados nos módulos regulares quadrados, deram origem a projectos individuais mais elaborados que têm correspondência nas diferentes peças de vestuário que se mostram na exposição.

No caso do curso de **Esboços e desenhos de bordados regionais**, depois de ultrapassado o momento de aproximação ao processo, já enunciado em cima, o programa solicitava que se desenvolvessem desenhos que, partindo de motivos

ou um motivo de um determinado bordado regional, como já se referiu, se criassem novos desenhos para roupas de casa, toalhas naperons, cortinas ou até objectos com funções não antes pensadas, para os materiais e meios envolvidos. Estava em causa aprender a fazer padrões, barras, cantos ou centros, ter noção de enquadramento e composição, conhecimento que foi experimentado e adquirido através do desenvolvimento do projecto de desenho, de que aqui apenas se expõe uma pequena amostra.

Também nos dois módulos, estava em causa adquirir o conhecimento entre as matérias e as linguagens, saber fazer corresponder uma ideia, com um determinado programa a um objecto real, deste modo, utilizar um código. Ter consciência de que, aquilo que nos permite representar uma *coisa, uma ideia, uma imagem ainda não material*, é conseguido através dos elementos e das regras que caracterizam a linguagem plástica em cúmplice associação com as matérias. Pontos, linhas, formas, vazios e cheios, texturas e cores, que com o seu carácter específico compõem o desenho, permitindo-nos a ilusão de que estamos perante o objecto real, traduzindo assim um outro carácter, o dos panos, das linhas, portanto das matérias e da sua expressão individual, matizados transversalmente pela constante presença da *mão*.

A avaliação da consequência dos processos representados e ensaiados nestas Oficinas Criativas, não podem ainda ser inteiramente avaliados quer do ponto de vista das suas repercussões estéticas e criativas, nem das suas implicações sociais, de modo a que possamos aferir sobre a dimensão das suas possibilidades pedagógicas não formais.

No entanto, o seu contexto Pós-Colonial, que enuncia uma nova abordagem ao local / global, a possibilidade da arte contemporânea se poder assumir como instrumento de dinâmica social na qual a arte e a educação artística funcionem como meio para melhorar a compreensão do mundo e de si mesmos dos alunos e da população de uma determinada comunidade, e o reafirmar a ideia de ensaio, pois só a sua prática constante permitirá o *“direito à diferença em igualdade”*, permitem-nos acreditar que esta experiência será indelével.

Susana Piteira
14 Março 2012

Fontes:

RIBEIRO, P. (Dir.). (2007). *A Urgência da Teoria*. Lisboa. Fundação Calouste Gulbenkian – Edições tinta da china, Lda.

D'OLIVEIRA M. (2009). *Património Herança e memória: A cultura como Criação*. Lisboa: Gradiva.